

TÍTULO: O BRUTALISMO NA ARQUITETURA DO PARANÁ NAS DÉCADAS DE DÉCADAS DE 1960 - 1970

HAMBRUSCH, Kevilyn.¹
MELOS, Paula C.²
VAZ, Rodrigo.³
OLDONI, Sirlei Maria.⁴
ANJOS, Marcelo França.⁵

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade apresentar a pesquisa feita sobre a história do brutalismo principalmente no estado do Paraná, trazendo uma melhor compreensão dessa linguagem arquitetônica através da história de algumas obras como o Clube Curitibano, Curitiba-PR, Catedral de Maringá-PR e o Instituto Agrônomo Paranaense, Londrina-PR. A partir da década de 1960, ocorreu mudanças na arquitetura paranaense, período de transição para a modernidade, e a vinda de arquitetos em Curitiba passam a ter reconhecimento nacional. Através de arquitetos principalmente paulistas imigrando para a capital paranaense, a cidade de Curitiba pode ter contato com o brutalismo paulista, com isso surge o brutalismo paranaense, mas um pouco mais inovado em relação ao novo movimento brutalista surgido no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História, Brutalismo, Paraná, Arquitetura.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordou a história do brutalismo na arquitetura paranaense nas décadas de 1960-70. A finalidade da pesquisa é conhecer a história do brutalismo paranaense, como também compreender a linguagem arquitetônica e o conjunto de elementos que influenciaram e que compuseram esse movimento arquitetônico.

O problema da pesquisa estabeleceu-se por meio do seguinte questionamento: Qual a influência do contexto histórico e cultural na materialização do brutalismo no Paraná entre as décadas de 1960-70? Para responder tal questão formulou-se a hipótese de que a arquitetura paranaense entre os anos 60-70 emergia do isolamento e compartilhava da nova arquitetura com a grande capital São Paulo, passando a fazer parte do interesse governamental e afirmando esse período como arquitetura moderna no Paraná.

¹Acadêmica: Kevilyn Hambrush. Email: kevinlyn_hambrush@hotmail.com

²Acadêmica: Paula C. de Melos. Email: paulamelos@gmail.com

³Acadêmico: Rodrigo Vaz. Email: rodrigovaz.arq@hotmail.com

⁴Orientador: Sirlei Oldoni. Email: sirleioldoni@hotmail.com

⁵Orientador: Marcelo França Anjos. Email: anjos@fag.edu.br

O artigo tem como objetivo geral compreender a influência do contexto histórico cultural na materialização do brutalismo paranaense, e para alcançar tal proposta, levantou-se cinco objetivos específicos: A) Apresentar o brutalismo nacional e o brutalismo paranaense entre os períodos de 1960 à 1970. B) Apresentar obras brutalistas paranaenses durante os anos de 1960 à 1970 e analisar o seu conceito. C) Analisar o brutalismo e a sua relação com o contexto histórico e cultural do Paraná nas décadas de 1960 – 1970, e como período de modernização do Estado. D) Comprovar ou refutar a hipótese inicial.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Brutalismo é um movimento da arquitetura que surgiu entre as décadas de 1950 a 1970 e o presente trabalho apresenta essa tendência apenas de maneira superficial no Brasil, e tem como objeto a arquitetura brutalista no Paraná, analisando algumas de suas obras, como o Clube Curitibano, Curitiba-PR, Catedral de Maringá-PR e o Instituto Agrônomo Paranaense, Londrina-PR.

2.1 ARQUITETURA BRUTALISTA

O movimento moderno no Brasil surge nas primeiras décadas do século XX, inserida pela manifestação da semana da arte moderna em São Paulo, 1922. Sendo um reflexo cultural da época, o movimento moderno gerou uma nova fase, valorizando a realidade e suas tradições. Se limitando a uma arquitetura de aspectos sociais, tecnológicos, econômicos e artísticos. (SPIN et al, 2018 *apud* ARQUITETURA BRASILEIRA, 2010).

As características arquitetônicas são marcadas pelo racionalismo e funcionalismo, com uma arquitetura de formas geométricas definidas e sem ornamentações. Considerando a própria obra um ornamento na paisagem. Separando a estrutura da vedação, uso de pilotis, panos de vidro, painéis de azulejos decorado, murais, esculturas. (SPIN et al, 2018 *apud* ARQUITETURA BRASILEIRA, 2010).

O Brutalismo é o nome usado para referenciar uma tendência arquitetônica de meados do século XX, cujo “clichê” o definia como superfícies ásperas de concreto armado, foi adotada por inúmeros arquitetos por todo o mundo entre os anos de 1950 e 1970. Esta arquitetura produziu uma série de edifícios, muito deles de inventividade excepcional e com alto nível de qualidade artística. (ZEIN, 2012).



O Brutalismo internacional surgiu nos anos de 1950, com obras como a Unidade de Habitação de Le Corbusier, mestre suíço da arquitetura moderna. A ideia era levantar edifícios monumentais e ao mesmo tempo austeros, sem elementos decorativos (a argamassa para fazer o acabamento, deixando as paredes lisas, era considerada excesso), contribuíram para a reconstrução das cidades do velho continente pós-Segunda Guerra Mundial. O produto final era quase um raio-x da obra, com pilares e vigas escancarados. (KOGAN, 2013).

Em meados da década 50, o uso frequente do concreto armado e de superfícies inacabadas como o célebre exemplo de Le Corbusier na Unidade Habitacional de Marselha (1947-1952), configuram-se características essenciais desta tendência arquitetônica cujas bases formaram uma importante “escola” em São Paulo nos anos de 1960-1970. (SANTOS, 2013).

A arquitetura era funcional, o projeto privilegiava um estilo de vida prático e uma obra mais econômica, no Brasil os “brutos” estrearam no Rio, como no Museu de Arte Moderna que causou inveja até em Le Corbusier. Se nossos projetos buscavam elegâncias nas formas, atentos às proporções e aos desenhos. Não se tratava de um simples conceito estético. O brutalismo se firmou também como uma militância política. Com o avanço da ditadura, muitos dos arquitetos se aproximaram do Partido Comunista. Com o AI-5 (Decreto emitido pela Ditadura Militar), em 1968, os arquitetos Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha foram afastados do cargo de professor da USP, seus edifícios refletiam a ideologia da esquerda em espaços abertos, propícios a grandes manifestações. (KOGAN, 2013).

A questão da identidade nacional se coloca como tema de grande relevância no debate intelectual de esquerda. Vilanova Artigas vai procurar, em seus textos e reflexões, encontrar uma maneira viável de apoiar as aspirações políticas de “independência” sem deixar de apoiar a arquitetura moderna, embora reconheça nela as marcas da opressão de classes e como saída para esse impasse, propõe uma atitude crítica em face da realidade, que não nega a arquitetura moderna, mas, entre outras propostas, quer buscar raízes brasileiras do universo. (ZEIN, 2000).

O Brutalismo no Brasil surge no início dos anos 50 em obras no Rio de Janeiro com a escola carioca e em São Paulo com a escola paulista⁶. Com relevância para a nova geração de arquitetos paulistas que tinham notoriedade na época, assim como o grande arquiteto Vilanova Artigas, autor de boa parte das obras mais importantes da arquitetura paulista brutalista, pela qual se consagrou como um dos mais relevantes mestres. (BASTOS, 2010).

A arquitetura brutalista paulista representada pela escola paulista, se deu pela contribuição do arquiteto Vilanova Artigas, a escola espalhou suas obras pelos quatro cantos da cidade de São

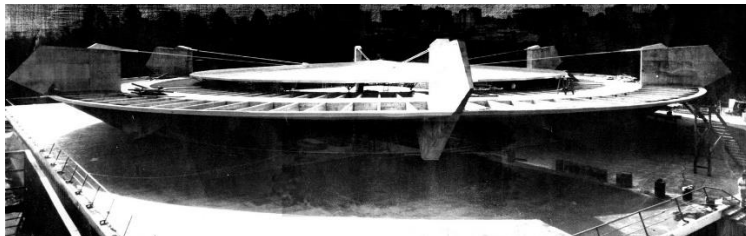
Paulo – SP. A ítalo-brasileira Lina Bo Bardi tropicalizou-a em projetos como o MASP, inaugurado em 1968 e o Sesc Pompéia, 1982. Já Paulo Mendes da Rocha, com menos de quatro anos de formado, venceu o concurso para projetar o Ginásio do Clube Paulistano, em 1958. (KOGAN, 2013).

Figura 1: MASP



Fonte: site MASP.

Figura 2: Clube Paulistano



Fonte: Archdaily.

Ao final da década de 1950, a crescente produção arquitetônica demonstrava que os arquitetos, naquele momento, procuravam atender a intensa demanda construtiva através de soluções projetuais com traços próprios e originais, como a exploração plástica das estruturas de concreto armado e cada vez mais acuidade com as superfícies de concreto aparente. (TOZZI, 1980 *apud* SANTOS, 2013).⁷

⁶ Escola Carioca, nome dado a uma parte da arquitetura moderna brasileira, obras produzidas por um grupo radicado no Rio de Janeiro, com a liderança intelectual de Lúcio Costa e formal de Oscar Niemeyer, cria um estilo *brazilian style*, que se dissemina pelo país entre os 1940 e 1950. SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*, São Paulo: Edusp, 1998, p.103.



Como características do brutalismo internacional pode-se se citar como:

a) pela clara exibição de sua estrutura e direta expressão de materiais brutos, não tratados; b) pela separação de peças e elementos, com acentuação das torres de serviço e circulação, expostos à vista; c) pela superposição da geometria nas plantas, e no entrelaçamento dos espaços nas seções; d) pela superfície de concreto armado aparente, conseguida com a ajuda de formas de madeira bruta e) pelo edifício como uma imagem visual unificada, clara e memorável; f) pelas superfícies limpas e virgens; g) por volumes pesadamente corrugados, mas de simplicidade prismática; h) pelo uso eventual de zonas de cor violenta; i) pelo gosto por objetos arquitetonicamente autossuficientes, agressivamente situados em seus entornos; j) por ser um método de trabalho; k) por indicar uma certa castidade moral, configurada em padrões rigorosos de conduta em face do mundo com coragem e espírito revolucionário, desejando trazer um verdadeiro sentido nas relações entre arquitetura e sociedade. (ZEIN, 2000, p. 389).

Como características arquitetônicas de escola paulista brutalista, pode-se afirmar que:

a) marcante preferência pela solução em monobloco ou em 'volume único' abrigando todas as atividades e funções do programa atendido; b) quando há mais de um volume, ou corpo, há uma clara hierarquia entre aquele principal e os demais, definitivamente secundários e apensos ou justapostos ao primeiro; c) relação com o entorno claramente de contraste visual, realizando a integração com o sítio basicamente através da facilidade proporcionada nos acessos, permitida quase sempre pela solução em 'volume único' destacado do chão; d) procura de horizontalidade, perceptível nas proporções gerais do edifício; e) concentração das funções de serviço, tendo os elementos de circulação grande destaque: se internos, definem zoneamento e usos, se externos, sua presença plástica é marcante; f) previsão de amplos espaços cobertos internos, muitas vezes associados a jogos de níveis, em soluções que sobrevalorizam o espaço comum interior de uso indefinido ou aberto; g) tratamento das elevações com poucas aberturas, ou com aberturas sempre protegidas por balanços da cobertura ou paramentos verticais, de maneira a criar profundas sombras, garantindo a privacidade dos ambientes internos; em alguns casos, opta-se radicalmente pela iluminação natural zenital, fechando-se quase totalmente as fachadas do volume edificado; h) a tecnologia construtiva empregada é a do concreto armado ou protendido, fundido in loco, utilizando lajes nervuradas, pórticos, pilares com desenho diferenciado, sempre com vãos livres e balanços amplos, sheds, grandes empenas de concreto usadas como quebra-sol ou plano de reflexão de luz, jogos de iluminação zenital/lateral; i) é frequente o uso de volumes anexos ao corpo principal, apresentando estrutura independente; j) a estrutura de concreto armado recebe tratamento aparente cuidadoso, valorizando sua qualidade de manufatura, ou sua intenção conceitual de protótipo para uma possível futura pré-fabricação. (ZEIN, 2000, p.385).

⁷ Escola Paulista, trata-se de uma arquitetura por um grupo radicado em São Paulo, que, com a liderança de Vilanova Artigas, realiza uma arquitetura marcada pela ênfase na técnica construtiva, pela adoção do concreto armado aparente e valorização da estrutura, também conhecido como Brutalismo. LIRA, José. Apresentação. In: ARTIGAS, Vilanova. *Caminhos da arquitetura*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 240p, il.pb., p.9.

⁸Arquitetos Brasileiros: Fábio Pentead, Paulo Mendes da Rocha, Décio Tozzi, Pedro Paulo de Melo Saraiva. SANTOS, M. S. Do traço ao concreto: Arquitetura brutalista no Paraná. Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CON_51.pdf>. Acesso em 14 de març de 2018.



Essas características em quase em todas as obras da escola paulista brutalista, em observação que cada autor terá suas próprias características que podem ser acrescentadas a essas, ou algumas vezes, parcialmente a elas contrapostas. (ZEIN, 2000).

Alguns arquitetos brasileiros contribuíram para a tendência brutalista no Brasil ⁸, através da expressividade do concreto – de origem corbusiana, e também do brutalismo anglo-saxônico – as instalações à vista, a austeridade e o respeito aos materiais foram evidências formais que geraram o brutalismo Paulista. (SEGAWA, 1999 *apud* SANTOS, 2013).

Conforme Bastos, verifica-se que:

Coincidindo com a inauguração de Brasília e com o progressivo esgotamento das pautas da escola carioca surgem, a partir de fins da década de 50, e principalmente nos anos 60, a maioria das obras exemplares da arquitetura brutalista tanto no mundo como no Brasil. Aqui aparecem inicialmente quase que circunscritas ao panorama paulista, com algumas exceções notáveis, e somente em fins dos anos 60 em diante essa tendência vai se tornar, se não hegemônica, ao menos universalmente difundida nas demais regiões brasileiras, difusão e aceitação paralelamente ocorre também na maioria dos países do mundo, com ênfase nos menos desenvolvidos, chegando mesmo a gerar uma atitude de cunho “vernacularizante” que veio a caracterizar a arquitetura daquele período, genericamente denominada “brutalista”.(BASTOS, 2013, p. 54).

O objetivo desse trabalho é fazer apenas um panorama geral da arquitetura brutalista introduzir o assunto, e a partir da história e análise de obras no Paraná nos anos de 1960 a 1970 compreender como se deu esse período na arquitetura paranaense.

2.1.1 Arquitetura brutalista no Paraná – 1960 A 1970

O Brasil deixa definitivamente de ser um país agrário em 1950 para se tornar um país urbanizado. Este período reflete na arquitetura, que almejava um processo industrializado da construção civil, e do planejamento urbano, buscando ações que possibilitava o intenso crescimento populacional nas cidades. (CAMARGO, 2009 *apud* SANTOS, 2013).

Segundo Camargo, (2009 *apud* SANTOS, 2013) temas como a industrialização da construção se tornaram um constante estímulo ao pensamento arquitetônico. No caso da arquitetura feita em São Paulo é possível verificar uma constante preocupação da criação em estreita sintonia com as questões construtivas, cuja forma era resultado e não início das soluções propostas; "uma reação aos desafios programáticos e técnicos da época, racionalmente processados para se alcançar a beleza.



Cada vez mais arquitetos brasileiros buscavam trabalhar com superfícies mais expressivas, e nelas impressas as marcas da forma de madeira e, no caso dos arquitetos paranaenses, as composições geométricas se tornaram obra de arte. (SANTOS, 2013).

No Paraná as obras se destacavam pelos volumes maciços, onde davam ênfase a sua estrutura exposta, apresentando interiores mais amplos e flexíveis, destacando-se na paisagem urbana, remetendo-se à arquitetura brutalista paulista. Imposto principalmente através das obras de Vilanova Artigas e de seu sócio Carlos Cascaldi. (CASTELNOU, 2002 *apud* SPIN, 2016).

A partir da década de 60, mudanças ocorreram e passaram a fazer parte de estratégias políticas e governamentais, não sendo apenas trocas de cenário e superficiais. O Paraná passa por uma fase de afirmação da modernidade, quando o desempenho dos arquitetos paulistas recém-chegados a Curitiba passa a ter reconhecimento nacional, sendo Luiz Forte Netto e José Maria Gandolfi, buscando oportunidade de trabalho, e a opção por usar o concreto aparente e demais materiais sem acabamento seguia as pautas do brutalismo paulista, e também dos arquitetos recém estabelecidos na capital paranaense. (SANTOS, 2013).

Iniciou nos anos 60, a maior fase da arquitetura moderna paranaense, devidos a abertura do Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Paraná em 1962 e resultando na imigração de profissionais vindos dos grandes centros do país para nela trabalhar. Um pequeno grupo desses professores passariam a atuar paralelamente em alguns escritórios, em planejamento urbanos, regionais e os mais variados projetos arquitetônicos seriam executados para o Estado. (PACHECO, 2004).

O Estado do Paraná tendo feito parte da província de São Paulo, sempre esteve ligado com a cultura paulista, em meados do século XX essa influência paulista, tanto econômica, social e profissional ainda podia ser sentida na região sul do país. (SANTOS, 2013).

O primeiro concurso realizado no Paraná especificamente em Curitiba no ano de 1962, com a presença de arquitetos imigrados, mas já residentes na capital, se tornou uma espécie de símbolo para a arquitetura paranaense, inaugurando uma fase de certezas e ampla participação de arquitetos da casa já graduados pela Faculdade de Arquitetura da UFPR. (PACHECO, 2004).

No meio dos profissionais imigrados estariam os jovens arquitetos de São Paulo, chegando a Curitiba a partir de 1961, interessado pelas possibilidades do novo mercado que se afirmava, e a profunda integração destes profissionais com as duas instituições como a Faculdade de Arquitetura e o IPPUC (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba), fazem com que estes ambientes não possam ser vistos de maneira independente. Consequentemente, dos quatro arquitetos paulistas



sendo Luis Forte Netto, os irmãos Gandolfi e Joel Ramalho Junior atuavam como professores, somente José Maria Gandolfi não atuaria, Forte ainda dirigiria o curso por vários anos, e juntamente com Joel Ramalho Júnior a presidência do IPPUC. (PACHECO, 2004).⁹

Estes jovens arquitetos, trazem uma grande desenvoltura projetual adquirida nos escritórios paulistas, a chegada desses profissionais trouxe sangue novo a um organismo debilitado, houve um salto técnico em pouco tempo sendo promovido em projetos como residências, clubes sociais, ginásios esportivos e edifícios de apartamentos e isto acontece simultaneamente com a ascensão da escola brutalista paulista. (PACHECO, 2004).

Grande parte das características da tendência paulista é transferida para Curitiba através desses profissionais migrados, Curitiba não passava de um bairro de São Paulo e as classes dirigentes e intelectual de ambas as cidades não pensavam da mesma maneira, acreditavam que somente uma grande cidade de características industriais e de forte produção intelectual como São Paulo, se poderiam aceitar as obras de características radicais de arquitetos como Vilanova Artigas. (PACHECO, 2004).

O preço pago pelos arquitetos migrantes paulistas perante a sociedade curitibana, foi a dissolução das características empregadas em São Paulo, ou seja, o concreto bruto aparente empregado por arquitetos como Vilanova Artigas, eram verdadeiros gritos de protesto de toda uma nação frente às condições políticas e sociais que vigoravam na época de nosso país, no entanto, o brutalismo curitibano o concreto aparente é polido e brilhante, sem imperfeições, a suavização de alguns elementos, foram as ferramentas encontradas pelos arquitetos para serem aceitos pela sociedade. Assim afirma, Eduardo Corona, nenhum arquiteto por mais genial, conseguirá criar mais do que aquilo que lhe permite os húmus da cultura a qual ele pertence. (CORONA, 1966 *apud* PACHECO, 2004).

A maneira encontrada pelos arquitetos recém-chegados a capital paranaense, foram os concursos de arquitetura, era uma maneira de apresentar ideias criadas exclusivamente para as concorrências, uma vez que Curitiba ainda não permitia vãos plásticos, por ainda não existir obras de tal porte. (PACHECO, 2004).

2.1.2 Clube Curitibano

O início se deu com a chegada de Luis Forte Netto e José Maria Gandolfi, em 1962 em Curitiba e venceram o concurso para o Clube de Campo Santa Mônica, juntamente com o paranaense

⁷Francisco Moreira, demonstram sua conexão com a arquitetura paulista. A projeção do escritório com a vitória desse concurso foi grande, executaram muitas obras, uma delas o Clube Curitibano, inaugurado em 1968. (PACHECO, 2004).

A diretoria do Clube Curitibano, precisava de uma nova sede social, a ser implantada em terreno amplo situado na capital paranaense, os arquitetos Luiz Forte Netto e José Maria Gandolfi, foram incumbidos do projeto, a ser realizado em 1966 no bairro Água Verde, o programa para o clube envolvia vários ambientes salão de jogos, amplo salão, camarins com sanitário exclusivos, biblioteca, auditório, restaurante, cozinha, bar, fisioterapia e departamento médico. (SANTOS, 2013).

A edificação consta de aproximadamente 4500 m², de 3 pavimentos, sendo um deles semienterrado. A sede fica próxima a uma via principal, sendo a Avenida Getúlio Vargas, o edifício abriga no pavimento semienterrado, auditório, biblioteca, camarins, cozinha e serviços e uma pista de bolão; no pavimento térreo encontram-se ambientes destinados ao lazer e serviços aos associados como salão de beleza e restaurante voltados para a piscina, cozinha administração, departamento médico e de fisioterapia e o acesso principal ao salão de eventos. (SANTOS, 2013).

A portaria tem uma cobertura circular e, é projetada fora da edificação, e no andar superior consta o salão de eventos, com cobertura plissada de concreto da qual os balanços protegem um terraço contínuo. Mais tarde, após a execução desse terraço foi incorporado ao salão principal um anel circular de concreto que prejudicou a harmonia original da obra. (SANTOS, 2013).

A mão-de-obra ainda não era especializada na capital paranaense, a laje plissada de 50 metros de diâmetro apoiadas a pilares periféricos foi um grande desafio, as texturas se sobressaem, variedade de materiais no seu estado bruto, paredes internas, em sua maioria sem pintura, painel de madeira no piano bar, além de uma composição de formas geométricas em oposição a parede de azulejos. (SANTOS, 2013).

⁹ Arquitetos Paulistas recém-formados em São Paulo migraram para Curitiba, em busca de novas oportunidades profissionais.

Figura 3: Sede Social do Clube Curitibano (1966).



Fonte: Vitruvius – O brutalismo paulista no contexto paranaense.

Figura 4: Clube Curitibano.



Fonte: Vitruvius.

Figura 5: Clube Curitibano.



Fonte: Vitruvius.

Uma solução adotada para vencer grandes vãos, é dobrar os raios por meio de uma casca plissada de concreto, tal solução arquitetônica é técnica constante utilizada entre os arquitetos egressos da Universidade Mackenzie. (SANTOS, 2013).

Observando as imagens da referida obra, verifica-se a tendência do movimento brutalista, no uso de cobertura de laje plissada em concreto, as texturas se sobressaem e a utilização de materiais em seu estado bruto.

2.1.3 Catedral Basílica Menos Nossa Senhora da Glória



Um dos arquitetos mais importantes do Brasil foi José Augusto Belluci, paulistano graduado pela Escola de Belas Artes de São Paulo. Na cidade de Maringá, suas obras fizeram história, a cidade nasceu dos punhos importantes de arquitetos e urbanistas, mas carece de um aprofundamento histórico. (MIGUEL, 2011).

A catedral de Maringá foi idealizada por Dom Jaime Luiz Coelho e projetada pelo Arquiteto José Augusto Belluci, elaborou um projeto moderno e arrojado para a Catedral da cidade, a obra ficou pronta em 1972, foram utilizados trinta mil sacos de cimento, sessenta toneladas de ferro e seis mil toneladas de areia. A Catedral é um dos maiores monumentos do mundo, trata-se de uma construção cônica de 124 metros de altura e 50 metros de diâmetro. Sua capacidade é de 3500 pessoas. É impossível andar pela cidade e não perceber a edificação. (ARAUJO, 2005 *apud* ALBERTI, 2010).

No interior da Catedral existem obras de arte, colorido dos vitrais, pintura nas paredes e colunas de uma beleza particular. Se encontram mais de setenta obras de pinturas executadas pelo artista plástico Zanzal Mata. A direita da edificação que se localiza a entrada principal tem a escadaria que dá acesso ao Mirante. (ALBERTI, 2010).

No terceiro andar, consta de um museu onde se encontram peças antigas e acervo do primeiro Arcebispo de Maringá Dom Jaime Luiz Coelho. Na metade do caminho pode ser visto um ossário com 1360 lóculos destinados a guardar restos mortais dos entes queridos. (ALBERTI, 2010).

Ao passo que se percorre os degraus, a cada curva o monumento vai aos poucos sendo revelado, e a imagem se completa depois de 482 degraus, vista parcial do gradeamento do mirante, nesse ponto a imagem do interior do monumento fica em segundo plano pois a imagem externa ganha a paisagem. (ALBERTI, 2010).

O professor Renato Leão Rego, explica que a arquitetura brutalista é baseada em sólidos geométricos elementares e no material bruto – (no caso da Catedral) o concreto armado aparente. E ainda segundo ele, o concreto bruto era sinônimo de modernidade e quase foi descartada do projeto da Catedral por questões de qualidade, o filho do projetista chegou a comentar, de que o pai pensava na possibilidade de revestir a superfície externa do edifício por duvidar da qualidade do concreto do acabamento. A ideia foi deixada de lado depois que Belluci teve a confirmação de que o acabamento era de confiança. (REGO, 2017 *apud* WERNECK, 2017).

Conforme Rego, a arquitetura da Catedral teve também outras influências, a verticalidade das catedrais góticas. E as grandes estruturas em pirâmides que contornam o volume principal foi a saída alcançada pelo arquiteto para apoiar o cone do centro e permitir a iluminação natural no térreo da obra. (REGO, 2017 *apud* WERNECK, 2017).

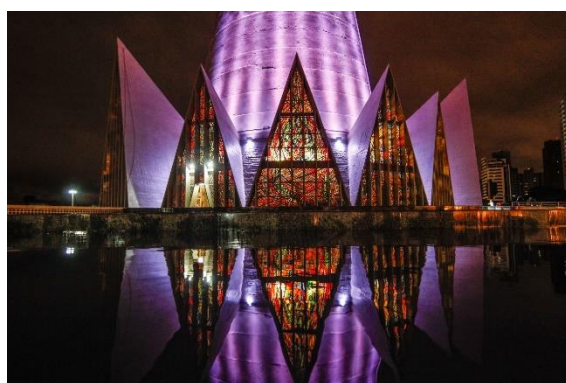


Figura 6: Imagem externa.



Fonte: Maringá turística.

Figura 7: Imagem externa.



Fonte: Gazeta do povo.

Figura 8: Escadaria que leva ao mirante.



Fonte: Gazeta do povo.

Figura 9: Gradeamento do mirante.

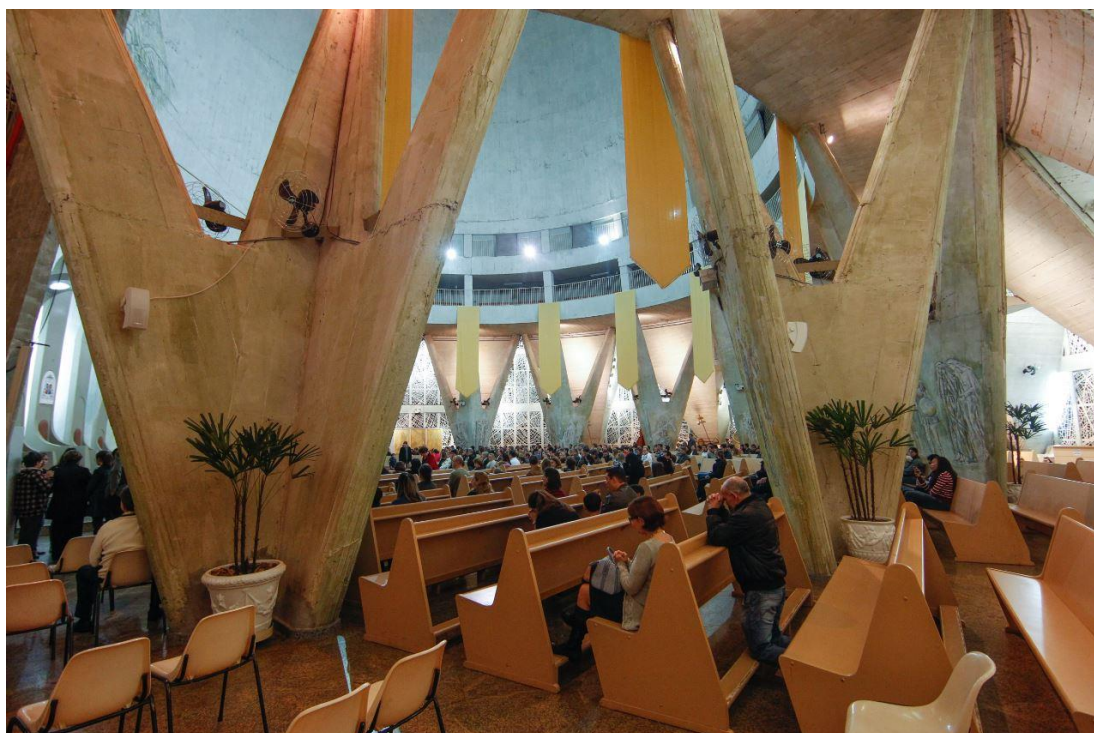


Fonte: Gazeta do povo.

Muitas vezes a obra foi comparada ao foguete russo Sputnik II, a forma do cone não tem nada a haver com a corrida espacial que estava no auge na época, mas sim toda a simbologia advém do universo religioso. (REGO, 2017 *apud* WERNECK, 2017).

Além das formas geométricas, da característica brutalista, teve também influências góticas e modernistas, a obra tem detalhes construtivos quase que ignorados, como por exemplo, a estrutura do cone é dupla, ou seja, são dois cones, duas paredes de concreto que estruturam o edifício, por esse motivo foram instalados os famosos pilares triplos, inclinados, projetados para dar sustentação aos dois cones centrais. Em 2016, a Catedral foi mencionada pela revista italiana Designboom como um dos ícones do movimento moderno da arquitetura brasileira. (REGO, 2017 *apud* WERNECK, 2017).

Figura 10: Pilares triplos.



Fonte: Gazeta do povo.

A Catedral de Maringá é uma referência de arquitetura moderna na cidade, vê-se claramente na obra as referências utilizadas pelo arquiteto José Augusto Belluci, que foi o movimento brutalista mesmo havendo a descrença de alguns quanto a qualidade do concreto, Belluti não abriu mão em sua obra de marcar a sua referência advinda de sua formação pela Escola de Belas Artes de São Paulo.

2.1.4 Instituto Agrônômico Paranaense – IAPAR

O IAPAR foi oficialmente criado em 1972, com a articulação entre o Instituto Brasileiro do Café (IBC) e o governo do Estado. O projeto foi elaborado pelo arquiteto Marcos Souza Dias, na época, radicado em São Paulo e professor da FAUUSP. (SUZUKI, 2013).

Localizado em uma área de 105 alqueires nos arredores de Londrina, o IAPAR é um centro de pesquisas agropecuárias, atualmente vinculado à Secretaria do Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná. É um conjunto arquitetônico de grande porte, que consta de setores de pesquisa, laboratórios e biblioteca, áreas de cultivo experimental, e setor administrativo, concluído somente em 1975. (SUZUKI, 2013).

Paralelo ao um mercado construtivo sombrio foi introduzida uma arquitetura de volumes maciços, concreto aparente expostas nas fachadas, e espaços interiores fluídos e flexíveis, arquitetura que remetia ao modelo brutalista, de origens paulistanas. (SUZUKI, 2013).

Figura 11: Iapar



Fonte: Tarobá News.

Figura 12: Iapar



Fonte: Gazeta do povo.

De todo o conjunto arquitetônico, destaca-se o edifício sede, sendo um volume prismático regular fechado, antecedido por espelho d'água, onde sobressaem colunas externas na fachada principal, influência dos projetos de Niemeyer para Brasília. O volume é todo revestido por uma superfície de elementos vazados em concreto, por vezes com função de proteção solar, mas em certas áreas apenas por razões compositivas. O interior do edifício é composto por dois pavimentos cobertos por laje nervurada aparente. Parede de divisórias leves definem os ambientes, que facilitam modificações internas. A influência da arquitetura paulista é evidente pelo uso extensivo do concreto aparente. Mas ao ser questionado sobre o fato, arquiteto negou que houvesse uma influência estética intencional. Era, segundo ele, a melhor solução para o programa que se apresentava. (SUZUKI, 2013).

No caso de Londrina, são evidentes as influências arquitetônicas paulistas desde o início de sua fundação, como os casarões, elaborados em compostura eclética à moda dos existentes na Avenida Paulista, e os edifícios verticais, semelhantes aos que se veem no bairro de Higienópolis, são alguns exemplos. (SUZUKI, 2013).

A partir dos anos de 1960, fixarão arquitetos na cidade, e nas décadas anteriores os projetos cabiam a engenheiros ou a arquitetos forasteiros, contratados por empresas ou construtoras que atuavam na região, dessa forma, a relação com São Paulo ou grandes capitais é recorrente, seja por origem ou formação acadêmica. (SUZUKI, 2013).



O convite para o arquiteto Marcos Souza Dias, elaborar o projeto da IAPAR deve-se as suas ligações com a agropecuária. Embora negue com certa veemência qualquer influência brutalista em seu projeto, mas é evidente a semelhança da IAPAR com edifícios localizados em São Paulo, da mesma época, são referências cruzadas que se tornaram comuns na arquitetura produzida a partir dos anos de 1960 em diferentes regiões brasileiras. (BASTOS & ZEIN, 2010 apud SUZUKI, 2013).

3. METODOLOGIA

O método deste trabalho terá como método a pesquisa bibliográfica, que de acordo com Marconi e Lakatos, 2003, a pesquisa bibliográfica, ou de fonte secundária, abrange toda bibliografia, desde publicações avulsas, boletins, revistas, jornais, pesquisas, monografias, livros, etc, até meios de comunicações orais. Seu objetivo é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito e dito sobre determinado assunto (...). (MARCONI E LAKATOS, 2003).

Os estudos se fundamentaram na pesquisa bibliográfica que segundo Carvalho (1989, p.100) tem por finalidade localizar e consultar coeficientes e condições de informação escrita, para reunir dados sobre determinado tema, procurando “[...] livros e documentos escritos as informações necessárias para progredir no estudo de um tema de interesse”. Pela pesquisa bibliográfica tem-se a busca pela explicação de problemas por referências teóricas documentadas. Segundo Cervo e Bervian (2002, p.66), esse método de pesquisa é classificado como um meio de formação por primazia, constituindo parte da pesquisa descritiva com o objetivo de recolher informação e entendimento antecipado a respeito de um problema que vivencia uma resposta.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Conforme a fundamentação o brutalismo foi adotado do mundo inteiro entre os anos de 1950 a 1970, com base nas obras de Le Corbusier principalmente na referida Unidade Habitacional de Marselha, todas essas características influenciaram uma importante escola, a escola paulista que foi pioneira desse movimento no Brasil, nos anos de 1960-1970. (SANTOS, 2013).

Alguns arquitetos brasileiros contribuíram para a tendência brutalista no Brasil, através da expressividade do concreto – de origem corbusiana, e também do brutalismo anglo-saxônico – as instalações à vista, a austeridade e o respeito aos materiais foram evidências formais que geraram o brutalismo Paulista. (SEGAWA, 1999 apud SANTOS, 2013).



Um dos mais notáveis arquitetos representantes do movimento brutalista foi Vilanova Artigas autor de boa parte de obras nesse sentido, mas foi no final dos anos de 1950 com a crescente produção arquitetônica vários arquitetos procuravam atender essa intensa demanda e o brutalismo veio a solucionar essa questão, além de proporcionar traços próprios e originais. (BASTOS, 2010).

E foi a partir de 1960 que essa tendência se tornou hegemônica, ou seja, houve difusão e aceitação para as demais regiões brasileiras, como foi o caso das cidades paranaenses com uma certa restrição, pois as classes dominantes achavam que o brutalismo paulista não se enquadravam ao estilo das cidades paranaenses, mas com algumas adaptações, deixando a tendência mais suave o movimento foi sendo aceito. (PACHECO, 2004).

E através das obras apresentadas vimos a influência da escola paulista brutalista, pois a maioria dos profissionais que migraram para o Paraná são paulistas, mas advindos dessa formação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brutalismo nacional quanto o brutalismo paranaense ascenderam a partir de 1960, devido a necessidade de industrialização do país, em atender essa modernização e consequentemente a crescente produção arquitetônica. A vinda de arquitetos principalmente paulistas migrando para a cidade de Curitiba obtiveram a oportunidade de reconhecimento e crescimento profissional.

Parte das características das tendências paulistas foram transferidas para Curitiba através dos profissionais migrados para a capital, houve uma certa resistência entre as classes dirigentes e intelectuais que não pensavam da mesma maneira, e a forma encontrada pelos arquitetos para aceitarem obras com essas características foi adaptar algumas características, tais como, concreto aparente polido e brilhante, sem imperfeições, suavizando alguns elementos.

Verifica-se essa mesma tendência nas demais cidades paranaenses, arquitetos que fizeram carreira advindos de São Paulo, utilizaram em suas obras as características citadas, um brutalismo adaptado as aceitações das classes dominantes que achavam que o brutalismo de São Paulo não se enquadrava com o estilo das cidades ainda em desenvolvimento como as do Paraná, mas ao mesmo tempo em que precisava se desenvolver e acompanhar a modernidade os arquitetos utilizaram a tendência paulista mas com ajustes, o concreto foi utilizado sem imperfeições, muitas vezes não só alisado mas também polido, dando um aspecto mais suave ao que deveria ser mais bruto, ou seja, na sua essência.



Ao responder ao questionamento da pesquisa que seria: A arquitetura paranaense entre os anos de 1960 e 1970 emergia do isolamento e compartilhava da nova arquitetura com a grande São Paulo, passando a fazer parte do interesse governamental e afirmando esse período como arquitetura moderna no Paraná, verifica-se que houve um período de modernização da arquitetura, os governantes viam a necessidade da modernização pois havia um crescimento construtivo, mas vimos não ser totalmente compatível com as ideias brutalistas da escola paulista, que seria um concreto verdadeiramente bruto, um grito de protesto as condições sociais e políticas da época, pois não acreditavam nessa estética para cidades consideradas em desenvolvimento que ainda tinha uma cultura mais atrasada, portanto foram feitas adaptações para que o concreto aparente pudesse ser aceito.

REFERÊNCIAS

- ALBERTIN, R. **Paisagem urbana de Maringá: Uma visão do eixo monumental**. Disponível em: <file:///E:/Documentos%20-%20Admin/Downloads/10156-49882-1-PB.pdf>. Acesso em 15 de abr. de 2018.
- BASTOS, M. A. J. **Brasil: Arquitetura após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: Arquitetura pós 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CAMARGO, M.J. **A Poética do: Uma conversa de Paulista**. Disponível em: <http://www.xdocomomobrasil.com.br/download/artigos/conexoes/CON_51.pdf>. Acesso em 14 de març. de 2018.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed., São Paulo: Atlas, 2003.
- KOGAN, G. **Arquitetura brutalista se popularizou no Brasil na década de 1960**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/09/1337952-estilo-arquitetonico-brutalista-se-popularizou-no-brasil-na-decada-de-1960.shtm>>. Acesso em 07 de jun. 2018.
- MIGUEL, F. Gazeta do Povo. **As heranças de José Augusto Belluci**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/maringa/as-herancas-de-jose-augusto-bellucci-90sjf20v7tmczznkyx5fgggge>>. Acesso em 15 de abr. de 2018.
- PACHECO, P. C. B. **O risco do Paraná e os concursos nacionais de Arquitetura 1962 -1981**. UFRS. Programa de pesquisa e graduação em Arquitetura, Propar – Mestrado. Curitiba: 2004.
- SANTOS, M. S. **A moderna Curitiba dos anos 1960: jovens arquitetos, concurseiros, planejadores**. 8º Seminário DoComomo Brasil – Sessão Temática: **O legado do movimento moderno na teoria, crítica e historiografia**. Disponível em: < <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/020-1.pdf>>. Acesso em 15 de abr. de 2018.



SANTOS, M. S. **Do traço ao concreto: Arquitetura brutalista no Paraná.** Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CON_51.pdf>. Acesso em 14 de març de 2018.

SPIN, K.V. et al, 2016. **Arquitetura brutalista na cidade de Londrina – Paraná.** Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/arquitetura-brutalista-na-cidade-de-londrina-parana/146069>>/. Acesso em 14 de març. de 2018.

SUZUKI, J. **Um breve panorama da arquitetura brutalista em Londrina-PR.** Disponível em: <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CON_33.pdf>. Acesso em: 14 de abr. de 2018.

WERNECK, C. **Gazeta do Povo. Ícone da arquitetura brutalista brasileira, Catedral de Maringá completa 45 anos.** Disponível em: < <http://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/icone-da-arquitetura-brutalista-brasileira-catedral-de-maringa-completa-45-anos/>> Acesso em 15 de abr. 2018.

ZEIN, R. V. **Arquitetura brasileira, Escola paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha.** Disponível em: < file:///E:/Documentos%20-%20Admin/Downloads/000291957%20(1).pdf>. Acesso em: 07 de jun. de 2018.

ZEIN, R. V. **Brutalist Connections.** Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-87076/brutalist-connections>>. Acesso em: 14 de març. de 2018.